

EDU SILVA: O ARQUIPÉLAGO MESTIÇO

Muito importante que nestas experimentações pictóricas sobre a mestiçagem Edu Silva tenha abandonado qualquer menção temática ou ideológica: o que importa são as massas cromáticas, grandes ou miúdas, enormemente decorativas, que se aproximam e se encaixam, mostrando as costuras entre contrastes ou pequenos alinhavos e cerzaduras mirins, essas moléculas de passagem de uma cor para outra. Valem muito aqui estes pontos ou nós de entrelaçamento, esse gesto do bordado que liga uma coisa à outra. Já estamos agora longe do uso trivial, apressado e modernoso do termo “hibridismo”.

O que interessa é a juntura (não aquilo ou quem está junto) como dobradiça móvel em andamento e expansão, metamorfose inconclusa e infinita das formas e materiais. Trata-se aqui de educar os olhos para ver “isso que enlaça uma pérola com outra”, conforme diziam os músicos e poetas afro-árabes. Jogos de forma e luz que estão nas relações entre cultura e natureza muito antes dos sujeitos.

Portanto, ao abandonar as dualidades de oposição, Edu dá preferência aos mais variados e assimétricos campos de relação e aos processos internos constitutivos das coisas (que sempre se compõem com partículas de muitas outras). Confere assim continuidade ao descontínuo. Conjuntos/formatos matizados, numa gama colorista esplendorosamente lapidada, se intersectam sintaticamente, por meio de cortes e chanfraduras sinuosos e retorcidos, parecendo colhidos de um magma telúrico e tectônico no compasso dos abalos de acomodação sísmica. Pintura, escultura, arquitetura em dança de cores.

Formas mestiças no fundamento terroso e pedrento das coisas. Daí que as mesclas e suturas deixem sempre à mostra e ao vivo saliências geológicas feitas de calombos e murundus rombudos, com suas roçaduras calosas, que expõem as interações entre as diferenças e os paradoxos entre o grande e o pequeno, o alto e o baixo, a frente e o verso, o direito e o avesso: todas essas tarefas da criação de um panorama de conhecimento lúdico-mestiço e nativo-atual para fora de todas as domesticações da história oficial, “antiga” ou “moderna” (seja de que lado essa domesticação facilitadora vier).

Essa é uma festa das alteridades incrustadas. Aquilo que no barroco se diz lista díspar, pela inclusão participante de repertórios desiguais e abandonados, Edu traduz como arquipélago mestiço. Atenção: parece que sempre novos barrancos, ilhas ou recifes vão surgir e recompor a paisagem, os bairros, os corpos e a vida.

Amálio Pinheiro